



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O PATO MARRECO QUERE SER CANTOR

Por **LEONOR de CAMPOS**

(Continuado do numero anterior)

— «Tu? Mas, amigo Pardal, tu não sabes cantar!...»

— «Isso não importa! Há muitos professores de canto, que não sabem cantar!... Eu realmente não sei cantar. Mas na minha longa vida errante tenho ouvido os melhores cantores do mundo: o Canário, o Pintassilgo, o Pintarroxo, e, sobretudo, o mestre dos mestres, o célebre Rouxinol!...»

— «Ah! Tu das-te com o Rouxinol?»

— «Dou-me com êle? Ora essa!... Até nos tratamos por tu!

A avó da mulher dêle é prima do marido da irmã do compadre da minha sogra!...»

— «Então, nesse caso, ainda é teu parente!...»

— «Pois é!... Já vês que estou apto a dar-te lições de canto: E não te levo muito!... Apenas quero pelo meu trabalho seis pãezinhos de milho por dia... Combinado?»

«Combinado!... Começam amanhã as lições. . .» — retorquiu o palerma do Pato Marreco.

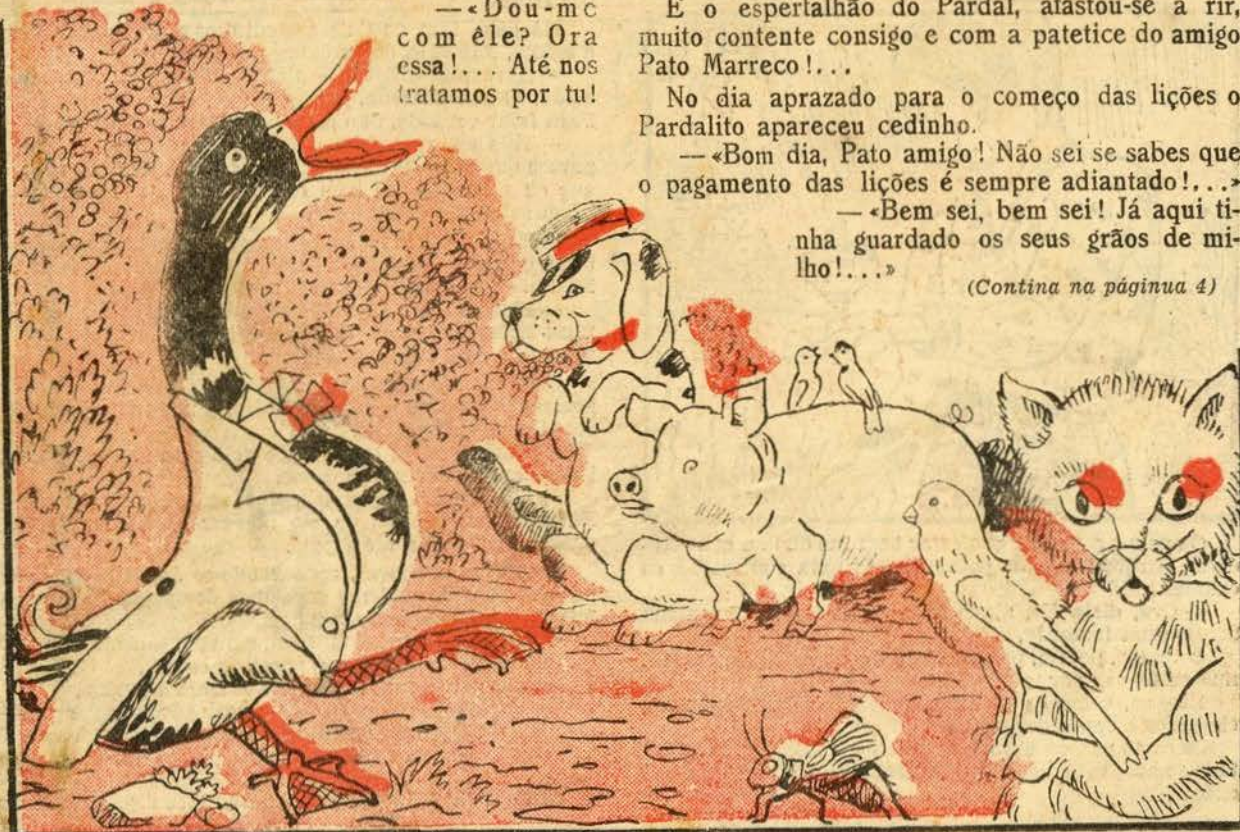
E o espertalhão do Pardal, afastou-se a rir, muito contente consigo e com a patetice do amigo Pato Marreco!...

No dia aprazado para o começo das lições o Pardalito apareceu cedinho.

— «Bom dia, Pato amigo! Não sei se sabes que o pagamento das lições é sempre adiantado!...»

— «Bem sei, bem sei! Já aqui tinha guardado os seus grãos de milho!...»

(Continua na página 4)



O MENINO ESTUDIOSO e O MENINO MANDRIÃO

POR LUIZ GOMES TEIXEIRA

EU conheço dois meninos: um, o Manuelzinho, filho de pessoas ricas, é muito traquinas, folião e mau estudante; o outro, filho do jardineiro do pai do Manuelzinho, é bem educado, a-pesar-da-sua-condição humilde e, ao contrário do filho do patrão de seu pai, é um estudante aplicadíssimo e bem comportado. Chama-se, este, José.

Frequentam ambos a mesma escola e a mesma classe. José é um dos melhores alunos, sendo, algumas vezes, até, elogiado e apontado como exemplo pelo seu mestre.

O filho do sr. Joaquim, o rico proprietário, é, pelo contrário, muito desleixado, só merecendo censuras e repreensões do seu professor. Aparece quasi sempre tarde e, quando na aula, nunca sabe as lições, nunca faz os problemas de aritmética e é, por esse motivo, desprezado pelos colegas estudiosos.

Já várias vezes, o senhor professor se queixou ao pai; mas este, com o mimo que dá ao filho e porque está sempre pronto a satisfazer-lhe todos os caprichos e vontades, não procura prendê-lo.

É tão feio ser mandrião! Se vocês calculassem o quanto este defeito é grande, teriam um enorme horror aos meninos preguiçosos, aos meninos que não estudam e só gostam de brincar.

Bem, mas vamos adiante e prossigamos com a nossa narração.

José, esse, é, como disse já, um bellissimo estudante e espera ficar bem no fim do ano.

Em situação mais difícil está Manuelzinho, porque não estudou durante o ano e não quiz saber de nada. Só queria divertir-se.



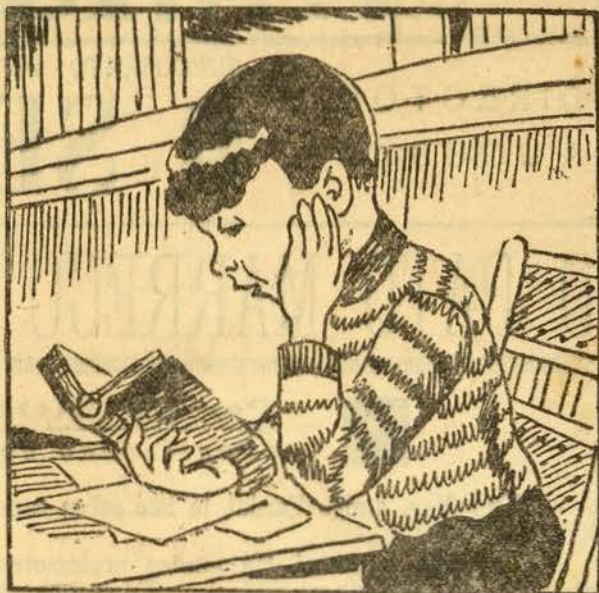
Os pais e o senhor professor bem lhe diziam que estudasse, porque faltavam poucos meses para começarem os exames.

— Ora, dizia ele, ainda falta muito tempo. Eu estudo aquilo num instante.

O tempo, porém, passou como um foguete, sem o Manuelzinho dar por isso.

Eis-nos, como os meninos sabem, melhor do que eu, chegados à época dos exames.

Ele como passou todo o ano a rir e a brincar, e não estudou nada, está, agora, justamente, com receio de fazer exame.



Josézito, ao invés, está bem disposto e satisfeito e mortinho por prestar provas, porque quere mostrar que sabe. Não tem receio algum de ficar reprovado, pois que trabalhou bastante durante o ano e está com a sua consciencia absolutamente tranquila, certo de que há-de fazer boa figura.

Há dias, iam os dois amiguinhos a conversar, para a escola. Falavam dos próximos exames.

— Devem ser difíceis, — dizia Manuelzinho. Estou com medo. O ano passado, parece que até houve reprovações. Para falar verdade, não me sinto lá muito bem, não.

— Pois eu, respondia o filho do jardineiro, estudei e parece que sei a matéria bem. Só se for infeliz de todo, é que eu não faço um bom exame. Mas, se Deus quiser, há-de sair tudo ótamente.

— Eu, a matéria toda não sei bem. O programa também é tão grande! Quasi que não se tem tempo de ler tudo... Enfim, é um grande aborrecimento.

— Fizesse como eu, que estudava todos os dias as minhas lições, de modo que cheguei ao fim a saber todo o programa com pequeno esforço.

Ora, como o menino não estudou desde que o senhor professor começou a marcar lições, a matéria, agora, parece-lhe muito extensa.

Manuelzinho, já convencido pelo o seu companheiro, balbuciou, meio avergonhado.

— Tens razão. Agora é que eu reconheço o meu erro. Fui um parvo. Além de me atrazar num ano, dou um enorme desgosto a meus pais.

E começa a chorar, censurando-se ásperamente, por não ter seguido os bons conselhos dos pais e do sr. professor, que só querem o seu bem.

O seu companheiro tentava, em vão, consolá-lo. Entretanto, chegaram à porta da escola.

Eu não sei quando é que eles entram a exame.

Do Josézito, não ha nada a recear porque sabe o suficiente e o seu professor já lhe disse que, se vier a portar-se tão bem no exame como nas aulas, ha-de obter uma distincção.

Quanto ao Manuelzinho, eu não lhes digo nada. Não

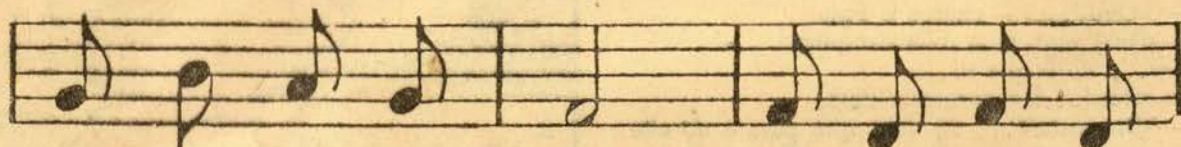
Depressa

O BURRO

DO LIVRO DE CANTO CORAL DE SILVEIRA PAIS



O bur - ri - nho man - so



é bo - nachei - rão, an - da, an - da,



an - da, sempre a olhar p'r'ò chão;



Pucha na car - ro - ça, ti - ra água a



no - ra, e p'la estra-da fó - ra



le - va o al - de - ão.

Esta canção será transmitida, hoje, às 14 horas pela secção cultural infantil da Emissora Nacional

quero sêr ave de mau agôiro, mas parece-me que não deve fazer boa figura. Oxalá que não, mas o que garanto é que vocês não ficariam muito tranquilos, se estivessem no lugar dêle.

Ora, eu tenho quâsi a certeza absoluta de que vocês estão bem preparados e não receiam nada o exame, como o mandrião do Manuelzinho.

Meus amiguinhos, atentai bem nisto: estudai as vossas lições conforme o professor as fôr explicando, porque, se assim fizerdes, chegareis á época dos exames com tudo sabido.

Agora, se, durante o ano, só brincardes e não estudardes nada, encontrar-vos-eis, no fim do ano, com a matéria de exame em branco, motivo porque estais sujeitos a apanhar uma reprovação — o que é muito feio e uma vergonha!

P S — O Manuelzinho, receando fazer fraca figura desistiu de ir a exame. Ele próprio me afirmou — e eu acredito-o, sinceramente! — que, para o próximo ano lectivo, há-de ser um dos melhores alunos da classe.

Oxalá vós ponhais em prática, sempre, estas palavras de Manuelzinho, agora já arrependido de não ter estudado — são os votos mais sinceros dêste vosso amigo.

O PATO MARRECO QUERE SER CANTOR

(Continuado da página 1)

— «Nesse caso, — retorquiu o Pardal — venham eles.

E depois de os engulir, o Pardal, de papo cheio, começou a lição.

— «Para ser um bom cantor é preciso abrir muito o bico, anh?»

— «Sim, Pardalito!...»

— «Nesse caso, abre bem o bico e canta: Dó... ó... ó...»

— «Quó!...» — cantou o Pato.

— «Qual quá, nem qual carapuça!...»

Dó... dó é que è!...»

— «Quó!...» — tornou o Pato.

— «Ora esta?!... Já vejo que para o dó não tens jeito!... Vamos lá ver o ré. Canta: Ré!...»

— «Qué!...»

— «Não é qué! E' ré...»

— «Qué!... — repetiu o pateco.

— «Mau!... O ré também não vai!...»

— «Vamos então ao mi! Dize: Mi...»

— «Qui!...»

— «Ah! Ah! Ah! — riu o pardal —,

Que rico discípulo eu arranjei!...

Nem sequer é capaz de pronunciar bem as notas!...»

O Pato encheu-se de brios e respondeu:

— «Sou, sim. Ora dize lá as notas e vais vêr!...»

— «Então canta: dó ré mi fá sol lá si!...»

— «Quó, qué, qui, quá, quól, quá quíl...»

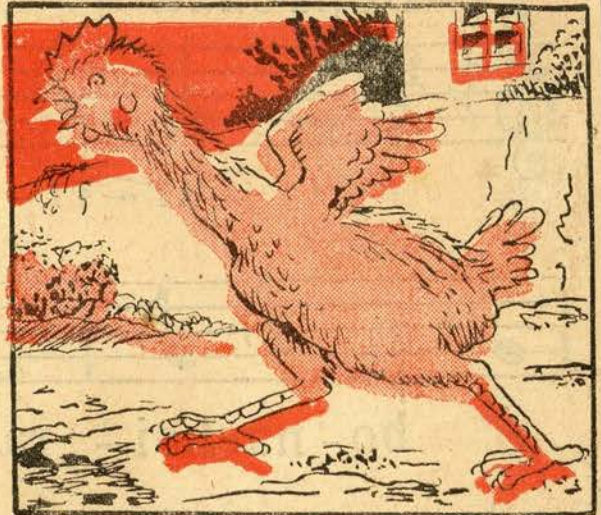
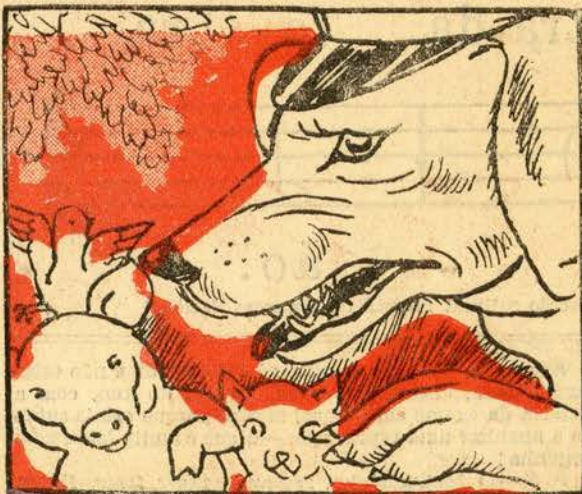
Ouviste como agora disse bem?

— «O quê? — respondeu, admirado, o Pardal — Tu disseste bem? Então já aqui não está quem piou!...»

E encolheu as asas, murmurando:

— «E' bem certo!... Ninguém se conhece!...»

Nesse dia e nos dias seguintes as lições de canto, continuaram com grande regozijo do Pardalito, que ia engordando, engordando, á custa do Pato Marreco.



Mas, é claro, as lições não podiam durar sempre. E ouve um dia em que o Pato Marreco declarou ao seu amigo Pardal:

— «Bom, Pardalito! Julgo que já estou um excelente cantor, não te parece?»

— «Hum! — retorquiu o Pardal, a quem não convinha que as lições acabassem. — Ainda estás um pouco fraquinho nos agudos!...»

«O quê?! Eu, fraco nos agudos?! Ora escuta lá esta nota!... Quó... ó... ó...»

E o Pato esforçava-se por dar um dó de peito, com tal alma, que um franganito, que andava por ali, a debicar, desatou a fugir, cheio de medo!...»

Mas o pateta, convencido de que cantava maravilhosamente, voltou-se para o Pardal e disse:

«Viste? Viste o franganito como correu, quando ouviu o meu quá de peito?»

Foi decerto chamar os colegas galináceos, para me virem admirar...»

O Pardal, então, vendo que era inútil discutir com aquele vaidoso, não teve remédio senão piar:

«Bom, bom, amigo Pato Marreco, não, amigo Pato Cantor! Estás, realmente, um artista consumado. As minhas lições acabaram...»

«Muito bem! Já esperava isso! Portanto estás desde já convidado para o meu primeiro concerto, amanhã, pela tardinha. E fazias-me, também, um grande favor se convidasses, em meu nome, todos os bichos que conheces:

o canário, e o pintarroxo,
o grilo e o tentilhão,
e melro e a sua senhora,
o gato, o porco e o cão
e outros bichos, que, educados,
mereçam consideração.

O Pardal bateu as asas e respondeu:

(Continua no próximo numero)

ERRATA: — O final da primeira parte deste conto, publicada na semana passada saiu, por lapso de revisão, indevidamente, lapso que a sua ilustre autora, nos desculpará. Deve ler-se, apenas, até a linha décima sexta. A restante parte os leitores encontrarão-na, novamente, na devida altura.

VAIDADE duma ROSA

por ANÃO SABICHÃO

PARA contar histórias aos meus meninos, mas histórias que os façam pensar um bocadinho e, ao mesmo tempo, os divirtam, passo a vida a observar tudo o que me rodeia.

Hoje veio-me à lembrança a história duma rosa que me parece ter um conceito muito aproveitável.

Nascera esta rosa lindíssima. Metia todas as outras num chinelo.

Mal florescera, sentiu-se tão superior às companheiras que ficou impando de orgulho. Não havia dúvida que era a rainha das flôres.

Resolveu, portanto, gosar a vida, como uma privilegiada.

Precisava criados que a servissem, lhe limpassem as fôlhas da poeira, as protegessem do vento, da bicharia, e as conservassem bem orvalhadas.

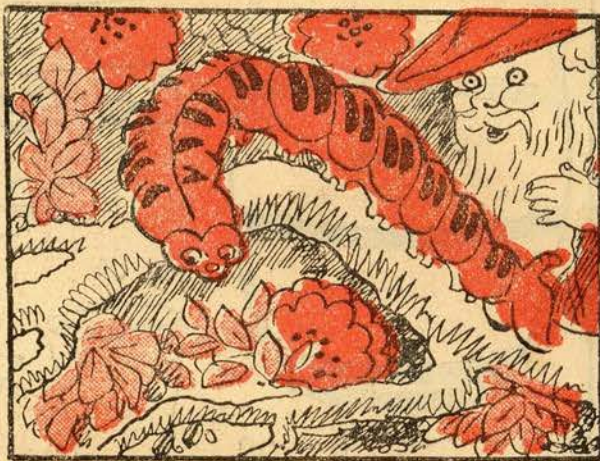
Mandou, então, um bezouro, que passava, be-zourar pelos campos:

— Quem quiser ser a criada,
da rainha Dona Rosa,
terá bem bôa soldada,
da patrôa generosa.

Veiu uma borboleta oferecer-se.
Com ar humilde, disse à rainha das flôres:

— Se me quizeres por criada,
numa dansa muito alada,
tanto às asas baterei
que assim te protegerei,
e nem um grão de poeira,
nem uma palha da eira,
nem forte golpe de vento,
terão o atrevimento
de vir sôbre ti pousar,
enquanto eu aqui voar.

Mas a rosa franziu as folhinhas, toda crispada de inveja, ante a beleza da borboleta.



As suas asas multicôres, tão lindas que até pareciam uma flôr a voar, atraíam demais a atenção. Isso não lhe convinha, pois queria que só para ela olhassem. E a rosa despediu a borboleta, dizendo que não queria ao seu serviço um bicho tão espalhafatoso.

Apareceu, depois, uma môsca varejeira e disse:

— Senhora rainha rosa:
eu sou muito cuidadosa,
muito activa e diligente...
além disso, faço frente,
a todo o mau aranhão
que venha, na intenção,
de a pôr um pouco mais feia,
fazendo aqui sua teia.

Aquêlê bicho, vestido dum esmalte verde mais brilhante que as suas flores, não agradou, também, à rosa toleirona.

Para fazer vista, bastava ela no jardim

E a varejeira levou o mesmo caminho da borboleta...

Chegou a vez duma lagarta, feia, feia, mesmo muito feia, se vir contratar para criada.

A rosa mal a viu, logo pensou:

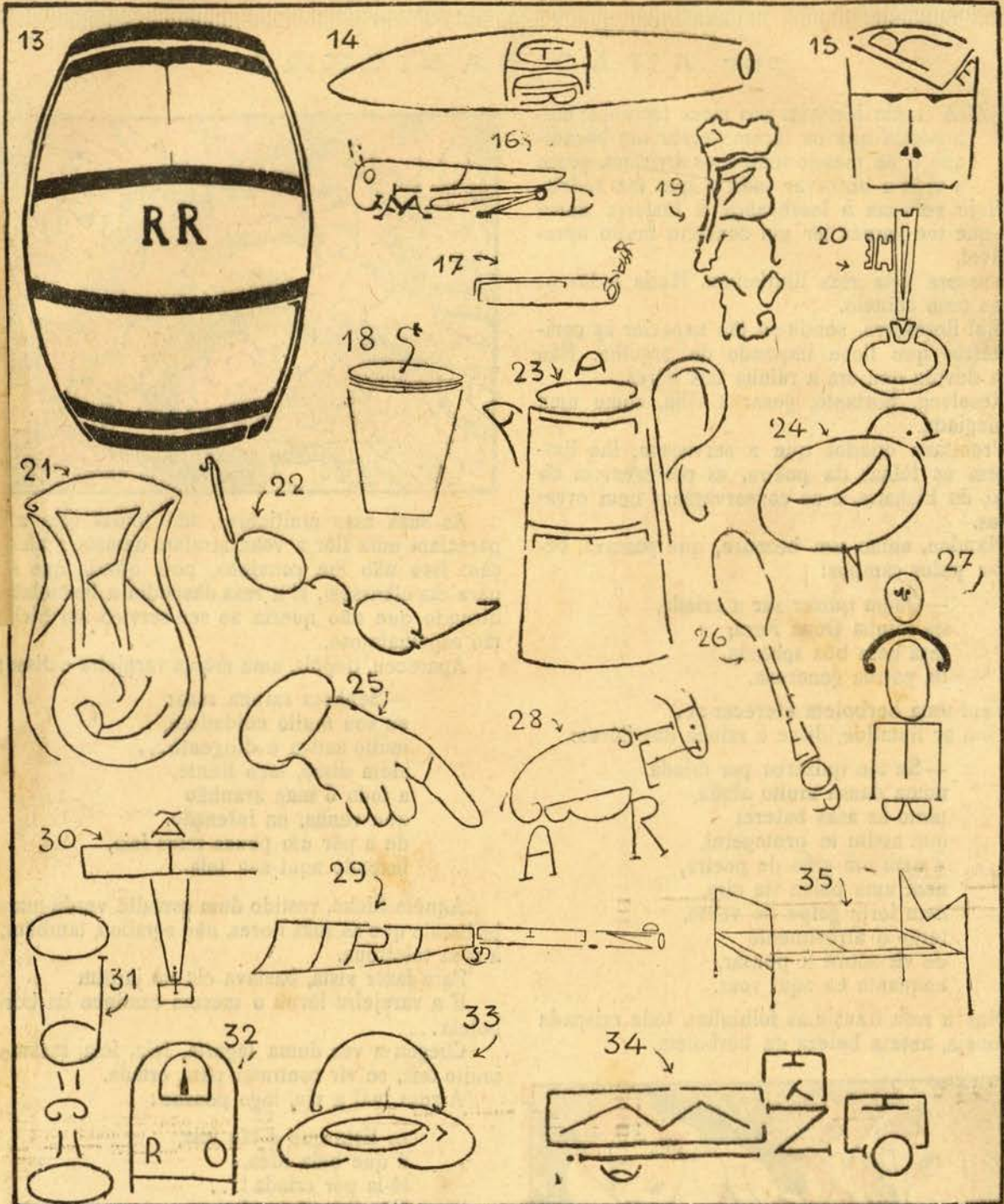
— Esta que é tão feia,
ó que bela idéa,
tê-la por criada!...
Não fico ofuscada;
sendo feia, assim,
quem me vier ver,
— escusa de dizer! —
que olha só p'ra mim!

Muito amavel, exclamou alto!

Serás tu minha criada,
e farás tua morada
nas minhas fôlhas mimosas,
nas minhas fôlhas cheirosas.

(Continua na página 7)

O NOSSO CONCURSO de AUTO-EMBLEMAS



13 — Barril, de Rei do Sébo. 14 e 23 — Charuto e cafeteira de José Maria Guerreiro. 15 — Hitler le Fernando Antonio Raul da Cunha. 16 — Gafanhoto de Maria do Carmo Melo. 17 — Cigarro, de Pedro Vicente Bernardes. 18 e 27 — Vaso e boneco, de José Luiz da Conceição. 19 — Portugal de E. M. Tavares. 20 — Chave, de Maria Bebiana de Azevedo. 21 — Jarra, de Maria Eduarda Teixeira. 22 — Oculos, de Maria de Lourdes Ferreira. 24 — Pinto, de Maria Odete da Cunha. 25 — Mão, de Armindo Moura Ferreira. 26 — Colher, de Alfredo Tavares. 28 — Cabrita, de Manuel Rosa Jorge. 29 — Espingarda, de José Raso Chaves. 30 — Avião, de Júlio Gonçalves Marques. 31 — Copo, de Maria de Lourdes. 32 — Radio, de José Teixeira da Rocha. 33 — Côco, de José Ribeiro Arez. 34 — Camionette, de Raul de Sousa Machado. 35 — Cana, de Ferreira Lapa.

1.º Prémio: Ovo, de Luiz Lomba. Jarra 2.º prémio, de Maria Eduarda Teixeira.

Classificados, com direito a publicação dos retratos: (Arim) Luiz Rosa Lopes, com Prato; Celeste Ribeiro Varela, com Anão Sabichão; Ferreira Lapa, com Machado; Dagmar de Jesus, com Pinto; Maria Odete da Cunha, com Pinto; Rei do Sébo, com Barril; E. M. Tavares, com Portugal.

O CESTINHO da COSTURA

Querida Maria da Conceição

Publico, hoje a *carpette* e, como calculo que ela te leve algum tempo a fazer, só publicarei o tapete condizente daqui a 15 dias, para assim poder satisfazer outro pedido, pois eles são tantos que as quintas-feiras do «Pim-Pam-Pum» não chegam para os satisfazer.

Vamos trabalhar o ponto de cruz com lã sobre uma linhagem grossa e destacando dois fios para cada ponto.

Fazes, primeiro, os contornos da frente e a carreira de dentro da barra, em branco. Enches, depois, todos os fundos de centro em verde garrafa. Fazes os quatro pontinhos destacados em bege e enches o resto do fundo do tapete com azul forte mas não muito escuro.

A barra, de fora, é verde, da cor do fundo do meio.

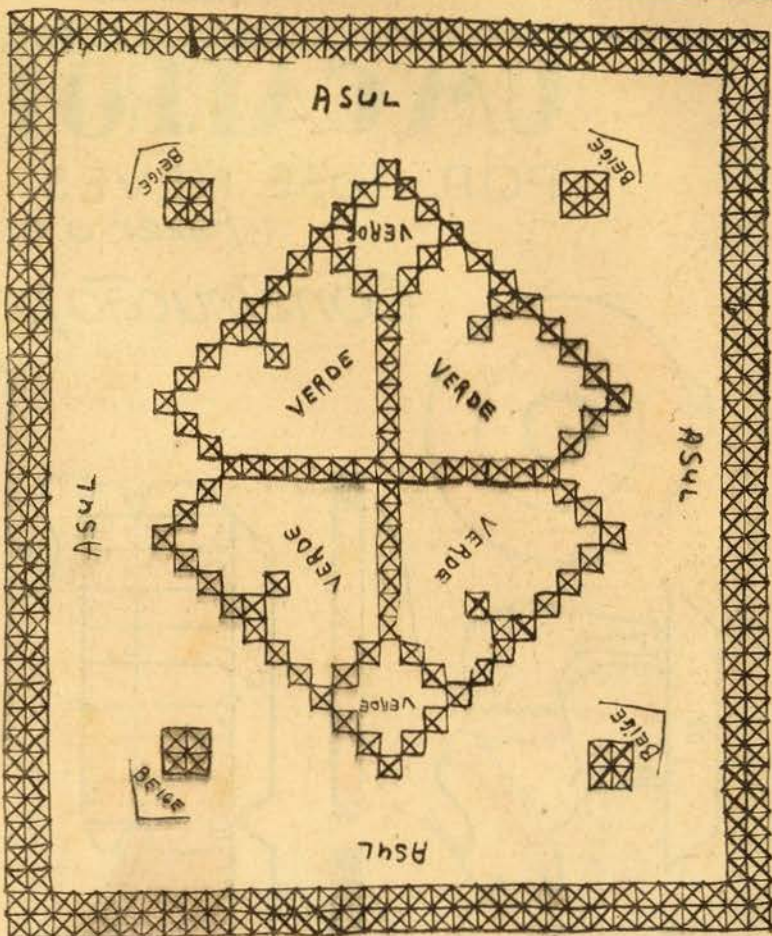
A linhagem há-de ficar completamente trabalhada. Arrematas a *carpette* fazendo com a linhagem uma bainha por o lado do avesso

que é cosida com um ponto furtado. Espero que a *carpette* fique um luxuoso ornamento para en-

feitar a casa de qualquer elegante boneca!

Abraça-te a

Abelha Mestra



A SEGUNDA TARDE DO PIM-PAM-PUM



Foi verdadeiramente uma tarde encantadora a do dia 9 no Teatro Capitólio. Uma extraordinária multidão infantil, tomou de assalto o elegante teatrinho e riu, e brincou, mantendo o ambiente em viva e franca alegria. O menino Horácio Lopes Fernandes, de quem, acima, publicamos o retrato, obteve o título de «Bébé Pim-Pam-Pum 1934».

A VAIDADE DUMA ROSA

(Continado da página 5)

A medonha lagarta não quiz ouvir mais nada... Rasteirinha, muito sonsinha, foi-se introduzindo, entre as finas pétalas da linda rosa.

Os meus amiguinhos calculem bem que serviço destruidor ela ali fez!

Pendida na haste, meio desfalecida a que fôra a formosura do jardim, perdeu, num instante, beleza e frescura!

Quem engordava a olhos vistos, está bem de ver, era a gulotona lagarta que ia roendo, pétala por pétala, a vaidosa que a quizera para criada.

E eis aqui está o que o vosso Anão observou e aqui deixa escrito, para provar aos seus leitorzinhos que a vaidade, tanto nas flôres como nas pessoas, dá sempre resultados funestos.

Não lhes parece?

Se todos se contentassem com a sorte que Deus lhes deu, quem sabe se as feias lagartas teriam, neste mundo, lindas rosas para roer?

UM CARRO INDIO

POR JOSÉ NEVES AGUAS

(fazer o eixo com um palito)

Construção para armar

